

Intenções dos devedores são colocadas em dúvida

por Sônia Jourdani
de São Paulo

Os bancos estrangeiros que operam em São Paulo limitaram a questões de ordem prática suas considerações a respeito de uma eventual ação conjunta dos países endividados nas negociações com seus credores. E, se evitaram que essas considerações avançassem para questões de natureza política, não foi por cautela, mas por dúvida das reais intenções dos grandes devedores.

Para as diversas representações bancárias ouvidas ontem por este jornal, ainda é difícil definir se a nota que o Brasil assinou no sábado com a Colômbia, o México e a Argentina representa uma aliança ou é mera formalidade. Muitas delas mostraram-se inclinadas a interpretar a nota mais como um recurso diplomático do qual estes países lançaram mão para reagir à alta dos juros e manifestar sua discordância com a política econômica do mundo industrializado, especialmente a dos Estados Unidos.

Não deixaram, porém, de enfatizar que pela primeira vez o Brasil assume publicamente um alinhamento com os demais endividados latino-americanos, embora não acreditem que o País vá abandonar sua estratégia de negociação individual com os credores privados, principalmente num momento em que todos parecem dispostos a aceitar condições melhores e prazos maiores para o

acerto das contas externas brasileiras de 1985.

As opiniões podem variar de banco a banco, dependendo da origem de cada um, mas o fato é que nenhum deles acredita haver campo para uma ação em grupo. Em primeiro lugar, ponderam que a nota é apenas um começo, e já é muito, pois nem as propostas de cooperação comercial entre os países da América Latina, quando chegaram a sair do papel, deram certo. Em segundo lugar, assinalam que os problemas podem ser comuns, mas os vários elementos que compõem esses problemas são diversos. E, em terceiro lugar, observam que a alta das taxas não só acontece independentemente da vontade dos bancos privados como também os afeta.

Em resumo: a solução é lançada para a esfera do governo norte-americano, que continuará elevando as taxas porque precisa financiar um déficit público de US\$ 300 bilhões e um déficit comercial de US\$ 100 bilhões. É um nó difícil de desatar, e mais difícil ainda, no entender dos bancos americanos, será convencer os países industrializados a jogar dinheiro nos organismos internacionais de auxílio (FMI, BIRD, etc.), para tentar resolver um problema que está sendo agravado pelos Estados Unidos. Ou seja, não será fácil obter um reforço financeiro para que esses organismos possam suprir as necessidades dos endividados com dinheiro barato.